

Família Verde Oliva

1ª Companhia de fuzileiros 1980



Agradecimento:

Ao nosso Deus

Salmo 75:1

Damos-te graças, ó Deus, damos-te graças, pois perto está o teu nome; todos falam dos teus feitos maravilhosos. Olhe à sua volta, veja quanta vida e beleza Deus criou para a nossa alegria.

Aos cônjuges, filhos e netos.

Pelo o amor, compreensão e dedicação.

Aos Pais e irmãos.

Fonte primórdios das nossas vidas

A todos que direto ou indireto influenciaram nossas vidas.

Prefácio

Reconheço a honra do convite de prefaciar o livro "Família Verde Oliva", do escritor Milton Belarmino da Silva.

É inevitável dizer que a missão desencadeou um retrospecto interior em busca das minhas memórias em sintonia com a vida na caserna.

Necessário se faz registrar que as nossas histórias têm laços de irmandade de décadas, desta forma torna se solene a amizade e o respeito mútuo, isto por merecimento já justifica nossa história, Milton Belarmino da Silva, o seu sonho foi um projeto que tomou forma real, porque são essenciais ao nosso equilíbrio e das gerações vindouras. Temos a certeza da importância desses momentos se tornarem memórias escritas.

Caminhamos por mistérios, atravessando as pontes existenciais, bebemos da fonte da sabedoria, voltamos rejuvenescidos para divulgar, no presente, histórias de um passado de homens, de homens marcantes.

Convém citar em meu argumento,

Coronel. Brivaldo,

Capitão. Ivonildo

Tenente. André,

Sargentos: Rodrigue, Cleber.

Sgt. Apligio "em memoria"

E outros no qual contribuiu para a escrita desta página em nossas vidas.

Parabenizo pelo o trabalho ímpar e gigante do levantamento de dados de nossas vidas. Raramente vemos algum trabalho similar. Até porque, para a maioria de nós, as lembranças não sobrevivem ao tempo, sigamos com passos firmes e confiantes, as travessias temporais, as memórias sobrevivam. Seu livro já é parte do futuro.

“Um homem sem passado, torna-se um ponto escuro na civilização”.

Bismarck Nóbrega.

EXÉRCITO BRASILEIRO.

O Exército Brasileiro é uma das forças que fazem parte das Forças Armadas do [Brasil](#), sendo responsável por garantir a defesa das fronteiras e do território nacional, pela manutenção da ordem e do respeito à [Constituição](#), além de poder ser acionado para prestar serviços à população. Estima-se que seja formado por cerca de 360 mil soldados.

Formado oficialmente em 1822, com a [Independência do Brasil](#), o Exército Brasileiro teve que atuar na luta contra as tropas militares que eram leais a Portugal. Os militares ainda participaram de outros acontecimentos importantes da história brasileira, como a Guerra do Paraguai. O Exército teve também envolvimento direto com o Golpe

Civil-Militar de 1964.

Resumo sobre o Exército Brasileiro

O Exército Brasileiro é uma das três forças que formam as Forças Armadas do Brasil.

É responsável pela defesa do [território nacional](#) e de [nossas fronteiras](#), bem como por garantir a ordem e o respeito aos princípios constitucionais.

Estima-se que o Exército Brasileiro tenha cerca de 360 mil soldados. É o maior exército da [América Latina](#) e um dos maiores do mundo.

O Exército Brasileiro surgiu oficialmente em 1822, com a independência do Brasil.

Atuou em muitos acontecimentos marcantes de nossa história, como nas [Guerras de Independência](#) e na [Guerra do Paraguai](#).

Qual é a função do Exército Brasileiro?

O Exército Brasileiro é uma das forças que compõem as Forças Armadas do Brasil, possuindo como funções primordiais:

garantir a segurança do Brasil;

atuar na defesa da soberania brasileira; assegurar o respeito às leis;

preservar a ordem e o cumprimento dos limites estabelecidos pela Constituição Federal.

As duas outras forças que compõem as Forças Armadas, além do Exército, são a Marinha e a Aeronáutica. Segundo a legislação brasileira, o comandante supremo do Exército Brasileiro é o [presidente da república](#), figura que também é responsável pela nomeação do comandante do Exército.

Atualmente, o Exército está sob responsabilidade do Ministério da Defesa, assim como a Marinha e a Aeronáutica. Essa configuração está em vigor desde 1999 e foi estabelecida durante o governo de [Fernando Henrique Cardoso](#). Entre 1967 e 1999, o Exército ficava sob autoridade do Ministério do Exército e entre 1822 e 1967, o Exército era parte do Ministério da Guerra.

O Exército Brasileiro define que sua missão é

contribuir para a garantia da soberania nacional, dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, salvaguardando os interesses nacionais e cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social.

Além disso, o exército entende que para realizar essa missão é necessário manter sua força sempre preparada e em prontidão.

Quantos soldados possui o Exército Brasileiro?

O Exército Brasileiro é formado por cerca de 360 mil soldados efetivos. Isso faz com que o nosso exército seja reconhecido como o maior da [América](#) Latina e um dos maiores do [planeta](#). Além disso, o Exército é formado por cerca de 1,34 milhão de soldados reservistas (se apresentam uma vez por ano). Em sua estrutura, destaca-se o fato de que o Exército possui a maior quantidade de veículos blindados da América Latina.

Atuação e valores do Exército Brasileiro

A atuação do Exército Brasileiro é dividida de duas formas. Os militares classificam suas ações como “Braço-Forte” e “Mão-Amiga”. Vejamos as diferenças:

Braço-Forte: atuação na defesa do território e das fronteiras do Brasil, manutenção da ordem e do respeito à Constituição.

Mão-Amiga: atuação em benefício da [população](#) por meio de serviços de atendimento, como o médico, por exemplo.

Por fim, o Exército Brasileiro entende que existem cinco valores que devem pautar sua atuação na defesa do Brasil:

Quando surgiu o Exército Brasileiro?

A criação do Exército Brasileiro passa pela Independência do Brasil, em 1822. A Independência do Brasil deu início às Guerras de Independência, nas quais o então governo brasileiro precisou agir para derrotar os movimentos de lealdade a [Portugal](#) no interior do território nacional.

Entretanto, para isso, era necessário formar um exército para lutar.

Esse exército se formou da separação que aconteceu com o Exército Português, e a atuação das tropas do Exército Brasileiro foram responsáveis por derrotar os focos de resistência à independência, garantindo, naquele momento, a integridade territorial do Brasil. A atuação do Exército nesse contexto se deu nas regiões [Norte](#) e [Nordeste](#) e na [Guerra da Cisplatina](#) (onde é o atual [Uruguai](#)).

Ao longo do século XIX, o Exército atuou em importantes acontecimentos da nossa história, como as [revoltas provinciais](#), com destaque para a [Balaiada](#) e a [Guerra dos Farrapos](#), por exemplo. Entretanto, a maior atuação do Exército nesse século se deu na Guerra do Paraguai, conflito que o Brasil travou contra o [Paraguai](#) entre os anos de 1864 e 1870.

A atuação do Exército foi fundamental para garantir a vitória brasileira nesse conflito. Seu envolvimento nesse conflito garantiu uma maior profissionalização do Exército, tornando-o um ator importante na [política](#) brasileira. Isso influenciou até mesmo na mudança de regime do Brasil, já que o Exército participou ativamente do golpe que levou à Proclamação da República, em 1889.

Entretanto, a memória histórica acerca do Exército aponta que sua fundação se deu bem antes desses acontecimentos, na [Batalha dos Guararapes](#), travada em 1648.

Saiba mais: [O que é golpe de Estado?](#)

Exército Brasileiro na história do Brasil

Ao longo do século XX, o exército esteve envolvido em uma série de acontecimentos importantes. Uma parcela do Exército apoiou a [Revolução de 1930](#) e tomou parte dela. Ele também apoiou o golpe do [Estado Novo](#), em 1937, e atuou para forçar a destituição de [Getúlio](#)

[Vargas](#), em 1945. Além disso, o Exército

Brasileiro participou da [Segunda Guerra Mundial](#), por meio da [Força Expedicionária Brasil \(FEB\)](#), criada unicamente com o propósito de lutar na [Europa](#).

Em 1964, o Exército participou do [Golpe Civil-Militar](#), levando à instauração da [Ditadura Militar](#), que se estendeu de 1964 a 1985. Agentes das Forças Armadas em geral — e não apenas do Exército —

participaram de crimes contra a população brasileira ao longo desse período ditatorial, mas nunca foram devidamente investigados e punidos pelos crimes cometidos.

Patentes do Exército Brasileiro

O Exército, como toda força militarizada, possui uma hierarquia rígida que se baseia na ordem, disciplina e respeito aos superiores. Um militar que se alista no Exército Brasileiro pode subir os degraus na hierarquia militar, alcançando as mais altas patentes existentes na corporação.

Fonte: Brasil escola.

ARMA DE INFANTARIA

A Infantaria é uma das armas base do exército, integrante do sistema operacional manobra e é formada por combatentes aptos a atuar em diversos tipos de terreno e condições meteorológicas, podendo utilizar variados meios de transporte para ser conduzida à frente de combate. Sua principal missão é conquistar e manter o terreno, aproveitando a capacidade de progredir em pequenas frações, que são de difícil detecção e de grande mobilidade. Utilizando o fogo e o movimento, aproxima-se do inimigo para travar o combate corpo-a-corpo. O Curso de Infantaria do CPOR/R forma o Aspirante a Oficial da Reserva, comandante de pelotão, com ênfase nas tropas motorizada, empregadas na guerra regular. Para tal, o Aluno cumpre diversos exercícios de campanha, estudando e empregando uma gama de armamentos e equipamentos militares.

ORIGENS DA ARMA DE INFANTARIA

A história da Infantaria, no contexto mundial, é quase tão antiga quanto à da própria guerra. Em situações de conflito, os exércitos da antiguidade empregavam o combate corpo a corpo e alguns armamentos, como espadas e bastões. A infantaria, caracterizada como uma massa organizada, ficou evidenciada pelos gregos e romanos, que viram kkk necessidade de criar fileiras capazes de impor, com disciplina e coesão, a força e o poder de combate ao inimigo. Os gregos mostraram o poder da falange, fração empregada em formação retangular e compacta, utilizando-se de escudos para proteção e lanças para o ataque. A falange permitia uma ofensiva forte e organizada, facilitando o comando dos homens para um mesmo objetivo. A legião romana, por sua vez, impressionava, ainda mais, pela sua capacidade de organização diante do conflito, pois era dividida em subgrupos. Sua estratégia e sua disciplina influenciam exércitos do mundo inteiro até os dias de hoje, já que deixaram

muitos ensinamentos importantes sobre a arte da guerra. No Brasil, sua história confunde-se com a de seu Patrono, o Brigadeiro Antônio de Sampaio, que derramou seu sangue no campo de batalha, cumprindo, ao lado de seus homens, o dever de defender os interesses da Pátria. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, o Brigadeiro Sampaio comandou a 3ª Divisão do Exército Imperial, a Divisão Encouraçada. Três batalhões de Infantaria de renome a compunham.

Batalhão Vanguardeiro, assim chamado por ir à frente nas marchas para o combate; o Batalhão Treme-Terra, conhecido por fazer o chão estremecer quando marchava e atacava; e o Batalhão Arranca-Toco, pois dizia-se, à época, uma anta de floresta, que resistia aos embates e, com os pés nus e robustos, passava incólume sobre espinhos, tremedais, pedras cortantes e abrasadas pelo sol de verão.

Ali nascia a Infantaria Brasileira.

A INFANTARIA NOS DIAS ATUAIS.

Devido às exigências do combate nos dias atuais, viu-se a necessidade de especializar a tropa nos diversos ambientes operacionais brasileiros. Assim, a Infantaria foi dividida em tipos capacitados a combater com o emprego de diferentes técnicas e equipamentos, como a pára-quedista, a aeromóvel, a motorizada, a de montanha, a de selva, a de caatinga e a blindada. O emprego da Infantaria especializada, juntamente com a Cavalaria, a Artilharia, a Engenharia, a Intendência, as Comunicações e o Material Bélico, garante ao Exército uma atuação efetiva na missão de defender o território nacional e garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem. Os conflitos atuais apontam para um novo cenário em que o combate se dá em amplo espectro. Novas circunstâncias surgem e caracterizam o campo de batalha, exigindo, cada vez mais, a preparação e o conhecimento da tropa. Essa demanda tem sido atendida prontamente pela Infantaria, ao implementar, desde a formação de seus oficiais, uma nova mentalidade, alinhada à evolução do combate, por meio do uso de equipamentos e tecnologias mais modernos e eficientes.

15° BIMTZ

No contexto histórico, a origem do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado (15º BI Mtz), “Regimento Vidal de Negreiros”, possui duas vertentes: a do sul, na cidade de Desterro-SC e a do norte, na cidade de Belém-PA.

A vertente sul é a mais antiga, remonta ao ano de 1870, quando da criação da 8ª Companhia de Infantaria pelo Decreto nº 4.572, de 12 de agosto daquele ano, na cidade de Desterro-SC.

Pelo Decreto nº 10.615, de 18 de agosto de 1888, a 8ª Companhia de Infantaria é absorvida pela criação do 25º Batalhão de Infantaria, que se transfere para a cidade de Porto Alegre - RS, em 1908, e onde recebe a denominação de 56º Batalhão de Caçadores, pelo Decreto nº 6.971, de 04 de junho do mesmo ano.

De 1910 a 1920 tem parada na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Nesse período participa da Campanha do Contestado em 1914 e tem sua denominação mudada para 2º Batalhão de Caçadores.

A partir de 1920 tem parada nas cidades de Niterói-RJ, Petrópolis- RJ e Recife-PE, onde chega em 1939.

A vertente norte, é uma origem mais recentes, e remonta ao ano de 1894, quando da criação do 40º Batalhão de Infantaria, na cidade de Belém-PA, pelo Decreto nº 1681, de 28 de fevereiro.

Após participar da 4ª Expedição à Guerra de Canudos, é transferido para cidade do Recife-PE, em 1897. Ali é transformado em 49º Batalhão de Caçadores a 10 de fevereiro de Em 16 de novembro de 1919 é transferido para cidade de João Pessoa-PB, onde recebe a denominação de 22º Batalhão de Caçadores, pelo Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro daquele ano.

No ano de 1941, período em já havia iniciado a 2ª Guerra Mundial (1º/09/1939), como consequência do planejamento estratégico maior, que procurava modernizar e preparar o Exército Brasileiro, em face de um possível emprego no contexto da guerra, dentre outras ações, foram organizados, três Regimentos de Infantaria: 14º, 15º e 16º, com sede em Recife, João Pessoa e Natal, respectivamente, com o objetivo de defesa do litoral e de áreas importantes do interior.

Pelo Decreto nº 3.334, de 6 de junho e Aviso nº 1.765, do dia 10 do mesmo mês, do ano de 1941, foi criado o 15º Regimento de Infantaria (15º RI), servindo como base para sua formação os oficiais e praças do 2º Batalhão de Caçadores (vertente sul) destacado em Recife- PE e do 22º Batalhão de Caçadores de João Pessoa-PB (vertente norte), tendo sido a nova Unidade organizada no dia 1º de agosto de 1941 (data de aniversário).

Em 1º de março de 1949, pela Portaria Reservada nº 1312, de 29 de janeiro, é reduzido o efetivo a um Batalhão tipo II, passando a ser

I/15º RI.

Em 15 de setembro de 1950, pela portaria Reservada nº 1310, de 18 de fevereiro de 1950, passa novamente a 15º Regimento de Infantaria, sendo que em 1º de maio de 1967, pela Portaria Reservada nº 109, de 1º de novembro de 1966, passa novamente a I/15º RI, com seu efetivo reduzido para 5 companhias.

Em 01 de janeiro de 1974, em cumprimento ao Plano de Reorganização do Exército, publicado na Portaria Reservada nº 043, de 07 de novembro de 1973, foi o I/15º RI transformado em 15º Batalhão de Infantaria Motorizado.

É, pois, o 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, “Regimento Vidal de Negreiros” o mais legítimo herdeiro e guardião de tradições gloriosas, que saberá honrar e manter, o elevado conceito que desfruta no seio do Exército Brasileiro e da família Paraibana.

Aqui reina o espírito: MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA!!!

FALANGE! FORTE!.

Fonte, site oficial do 15º BIMT

Luiz Alves de Lima e Silva.

Duque de Caxias.

Nasceu em 25 agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, no Taquaru, Vila de Porto da Estrela, na Capitania do Rio de Janeiro, quando o Brasil era Vice-Reino de Portugal. Hoje, é o local do Parque Histórico Duque de Caxias, no município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro.

Filho do Marechal de Campo Francisco de Lima e Silva e de D. Mariana Cândida de Oliveira Belo. Ao seu pai, veador da Imperatriz Leopoldina, coube a honra de apresentar em seus braços à Corte, no dia 2 de dezembro de 1825, no Paço de São Cristóvão, o recém-nascido que, mais tarde, viria a ser o Imperador D. Pedro II.

Em 22 de maio de 1808, época em que a Família Real portuguesa transfere-se para o Brasil, Luiz Alves é titulado Cadete de 1ª Classe, aos 5 anos de idade.

Pouco se sabe da infância de Caxias. Pelos almanaques do Rio de Janeiro da época e publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que davam o nome das ruas em que moravam as autoridades governamentais, sabe-se que seu pai, desde capitão, em 1811, residia na rua das Violas, atual rua Teófilo Otoni. Esta rua das Violas, onde existiam fabricantes de violas e violões e onde se reuniam trovadores e compositores, foi o cenário principal da infância de Caxias.

Sabe-se que estudou no Convento São Joaquim, onde hoje se localiza o Colégio D. Pedro II, e próximo do Quartel do Campo de Santana, que ele viu ser construído e que hoje é o Palácio Duque de Caxias, onde está instalado o Comando Militar do Leste.

Em 1818, aos quinze anos de idade, matriculou-se na Academia Real Militar, de onde egressou promovido a Tenente, em 1821, para servir no 1º Batalhão de Fuzileiros, Unidade de elite do Exército do Rei.

O retorno da Família Real e as consequências que daí advieram concorreram para a almejada emancipação do país. D. Pedro proclamou a independência do Brasil e organizou, ele próprio, em outubro de 1822, no Campo de Santana, a Imperial Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, integrado por 800 guapos militares, tipos atléticos e oficiais de valor excepcional, escolhidos da tropa

estendida a sua frente. Coube ao Tenente Luiz Alves de Lima e Silva receber das mãos do Imperador D. Pedro I a bandeira do Império recém-criada, na Capela Imperial, em 10 de novembro de 1822.

No dia 3 de junho de 1823, o jovem militar tem seu batismo de fogo, quando o Batalhão do Imperador foi destacado para a Bahia, onde pacificaria um movimento contra a independência comandado pelo General Madeira de Melo. No retorno dessa campanha, recebeu o título que mais prezou durante a sua vida – o de Veterano da Independência.

Em 1825, iniciou-se a Campanha da Cisplatina e o então Capitão Luiz Alves desloca-se para os pampas, junto com o Batalhão do Imperador. Sua bravura e competência como comandante e líder o fazem merecedor de condecorações e comandos sucessivos, retornando da campanha no posto de major.

A 6 de janeiro de 1833, no Rio de Janeiro, o Major Luiz Alves casava-se com a senhorita Ana Luiza de Loreto Carneiro Viana, que contava, na época, com dezesseis anos de idade.

Em 1837, já promovido a Tenente-Coronel, Caxias é escolhido, por seus descortino administrativo e elevado espírito disciplinador, para pacificar a província do Maranhão, onde havia iniciado o movimento da Balaiada.

Em 2 de dezembro de 1839, é promovido a Coronel e, por Carta Imperial, nomeado presidente da província do Maranhão e Comandante-Geral das Forças em operações, para que as providências civis e militares emanassem de uma única autoridade.

Em agosto de 1840, mercê de seus magníficos feitos em pleno campo de batalha, Caxias foi nomeado Veador de Suas Altezas Imperiais.

Em 18 de julho de 1841, em atenção aos serviços prestados na pacificação do Maranhão, foi-lhe conferido o título nobiliárquico de Barão de Caxias. Por quê Caxias? "Caxias simbolizava a revolução subjugada. Essa princesa do Itapicuru havia sido mais que outra algema afligida dos horrores de uma guerra de bandidos; tomada e retomada pelas forças imperiais, e dos rebeldes várias vezes, foi quase ali que a insurreição começou, ali que se encarniçou tremenda; ali que o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva entrou, expedindo a última intimação aos sediciosos para que depusessem as armas; ali que libertou a província da horda de assassinos. O título de Caxias significava, portanto: – disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória", explica o seu biógrafo Padre Joaquim Pinto de Campos.

Em 1841, Caxias é promovido a Brigadeiro e, em seguida, eleito unanimemente deputado à Assembléia Legislativa pela província do Maranhão e, já em março de 1842, é investido no cargo de Comandante das Armas da Corte.

Em maio de 1842, iniciava-se um levante na província de São Paulo, suscitado pelo Partido Liberal. D. Pedro II, com receio de que esse movimento, alastrando-se, viesse fundir-se com a revolta farroupilha, que se desenvolvia no sul do Império, resolve chamar Caxias para pacificar a região. Assim, o Brigadeiro Lima e Silva é nomeado Comandante-Chefe das Forças em operações da província de São Paulo e, ainda, Vice-Presidente dessa província.

Cumprida a missão em pouco mais de um mês, o Governo, temeroso que a revolta envolvesse a província das Minas Gerais, nomeia Caxias Comandante do Exército pacificador naquela região, ainda no ano de 1842. Já no início do mês de setembro, a revolta estava abafada e a província, pacificada.

No dia 30 de julho de 1842, "pelos relevantes serviços prestados nas províncias de São Paulo e Minas", é promovido ao posto de Marechal de Campo graduado, quando não contava sequer quarenta anos de idade.

Ainda grassava no sul a revolta dos farrapos. Mais de dez presidentes de província e generais se haviam sucedido desde o início da luta, sempre sem êxito. Mister da capacidade administrativa, técnico-militar e pacificadora de Caxias, o Governo Imperial nomeou-o, em 1842, Comandante-Chefe do Exército em operações e Presidente da província do Rio Grande do Sul.

Logo ao chegar a Porto Alegre, Caxias fez apelo aos sentimentos patrióticos dos insurretos através de um manifesto cívico. A certo passo, dizia: "Lembraí- vos que a poucos passos de vós está o inimigo de todos nós – o inimigo de nossa raça e de tradição. Não pode tardar que nos meçamos com os soldados de Oribes e Rosas; guardemos para então as nossas espadas e o nosso sangue. Abracemo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é a nossa mãe comum".

Mesmo com carta branca para agir contra os revoltosos, marcou sua presença pela simplicidade, humanidade e altruísmo com que conduzia suas ações.

Assim ocorreu quando da captura de dez chefes rebeldes aprisionados no combate de Santa Luzia, quando, sem arrogância, com urbanidade e nobreza, dirigiu-se a eles dizendo: "Meus senhores, isso são conseqüências do movimento, mas podem contar comigo para quanto estiver em meu alcance, exceto para soltá-los".

Se no honroso campo da luta, a firmeza de seus lances militares lhe granjeava o rosário de triunfos que viria despertar nos rebeldes a ideia de pacificação, paralelamente, seu descortino administrativo, seus atos de bravura, de magnanimidade e de respeito à vida humana, conquistaram a estima e o reconhecimento dos adversários. Por essas razões é que os chefes revolucionários passaram a entender-se com o Marechal Barão de Caxias, em busca da ambicionada paz. E, em 1º de março de 1845, é assinada a paz de Ponche Verde, dando fim à revolta farroupilha.

É, pois, com justa razão que o proclamam não só Conselheiro da Paz, senão também o Pacificador do Brasil – epíteto perpetuado em venera nobilitante.

Em 1845, Caxias é efetivado no posto de Marechal de Campo e é elevado a Conde. Em seguida, mesmo sem ter se apresentado como candidato, teve a satisfação de ter seu nome indicado para Senador do Império pela província que pacificara há pouco. Em 1847, assume efetivamente a cadeira de Senador pela província do Rio Grande do Sul.

A aproximação das chamas de uma nova guerra na fronteira sul do Império acabaram por exigir novamente a presença de Caxias no Rio Grande do Sul e, em junho de 1851, foi nomeado presidente da província e Comandante- Chefe do Exército do Sul, ainda não organizado. Essa era a sua principal missão: preparar o Império para uma luta nas fronteiras dos pampas gaúchos.

Assim, em 5 de setembro de 1851, Caxias adentra o Uruguai, batendo as tropas de Manoel Oribe, diminuindo as tensões que existiam naquela parte da fronteira.

Em 1852, é promovido ao posto de Tenente-General e recebe a elevação ao título Marquês de Caxias.

Em 1853, uma Carta Imperial lhe confere a Carta de Conselho, dando-lhe o direito de tomar parte direta na elevada administração do Estado e, em 1855, é investido no cargo de Ministro da Guerra.

Em 1857, por moléstia do Marquês de Paraná, assume a presidência do Conselho de Ministros do Império, cargo que voltaria a ocupar em 1861, cumulativamente com o de Ministro da Guerra.

Em 1862, foi graduado Marechal do Exército, assumindo novamente a função de Senador no ano de 1863.

Em 1865, inicia-se a Campanha da Tríplice Aliança, reunindo Brasil, Argentina e Uruguai contra as Forças paraguaias de Solano Lopez.

Em 1866, Caxias é nomeado Comandante-Chefe das Forças do Império em operações contra o Paraguai, mesma época em que é efetivado Marechal do Exército. Cabe destacar que, comprovando o seu elevado descortínio de chefe militar, Caxias utiliza, pela primeira vez no continente americano, a aeroestação (balão) em operações militares, para fazer a vigilância e obter informações sobre a área de operações.

O tino militar de Caxias atinge seu ápice nas batalhas dessa Campanha. Sua determinação ao Marechal Alexandre Gomes Argolo Ferrão para que fosse construída a famosa estrada do Grão-Chaco, permitindo que as Forças brasileiras executassem a célebre marcha de flanco através do chaco paraguaio, imortalizou seu nome na literatura militar. Da mesma forma, sua liderança atinge a

plenitude no seu esforço para concitar seus homens à luta na travessia da ponte sobre o arroio Itororó – "Sigam-me os que forem brasileiros".

Caxias só deu por finda sua gloriosa jornada ao ser tomada a cidade de Assunção, capital do Paraguai, em 1º de janeiro de 1869.

Em 1869, Caxias tem seu título nobiliárquico elevado a Duque, mercê de seus relevantes serviços prestados na Campanha contra o Paraguai.

Em 1875, pela terceira vez, é nomeado Ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros.

Caxias ainda participaria de fatos marcantes da história do Brasil, como

Questão Religiosa, o afastamento de D. Pedro II e a Regência da Princesa Isabel. Já com idade avançada, Caxias resolve retirar-se para sua terra natal, a província do Rio de Janeiro, na Fazenda Santa Mônica, na estação ferroviária do "Desengano", hoje Juparaná, próximo a Vassouras.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, fechava os olhos para sempre aquele bravo militar e cidadão que vivera no seio do Exército para glória do próprio Exército.

No dia seguinte, em trem especial, chegava na Estação do Campo de Santana o seu corpo, vestido com o seu mais modesto uniforme de Marechal de Exército, trazendo ao peito apenas duas das suas numerosas condecorações, as únicas de bronze: a do Mérito Militar e a Geral da Campanha do Paraguai, tudo consoante suas derradeiras vontades expressas.

Outros desejos testamentários são respeitados: enterro sem pompa; dispensa de honras militares; o féretro conduzido por seis soldados da Guarnição da Corte, dos mais antigos e de bom comportamento, aos quais deveria ser dada a quantia de trinta cruzeiros (cujos nomes foram imortalizados no pedestal de seu busto, no passadiço do Conjunto Principal antigo da Academia Militar das Agulhas Negras); o enterro custeado pela Irmandade da Santa Cruz dos Militares; e seu corpo não embalsamado.

Quantas vezes o caixão foi transportado, suas alças foram seguras por seis Praças de Pré do 1º e do 10º Batalhão de Infantaria.

No ato do sepultamento, o grande literato Visconde de Taunay, então Major do Exército, proferiu alocução assim concluída: "Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas, senhores, esses soldados que circundam a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós militares, de norte a sul deste vasto Império, vimos render ao nosso velho Marechal, que nos guiou como General, como protetor, quase como pai, durante 40 anos; soldados e

orador, humilde todos em sua esfera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dor".

Em 25 de agosto de 1923, a data de seu aniversário natalício passou a ser considerada como o Dia do Soldado do Exército Brasileiro, Instituição que o forjou e de cujo seio emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Ele prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência e, inigualados, como soldado de vocação e de tradição familiar, a serviço da unidade, da paz social, da integridade e da soberania do Brasil Império.

Em mais uma justa homenagem ao maior dos soldados do Brasil, desde 1931, os Cadetes do Exército, da Academia Militar das Agulhas Negras, portam como arma privativa, o Espadim de Caxias, cópia fiel, em escala, do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias, que desde 1925 é guardado como relíquia pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o Duque de Caxias integrou como sócio honorário a partir de 11 de maio 1847.

O Decreto do Governo Federal de 13 de março de 1962 imortalizou o nome do invicto Duque de Caxias como o Patrono do Exército Brasileiro.

Atualmente, os restos mortais do Duque de Caxias, de sua esposa e de seu filho, repousam no Panteon a Caxias, construído em frente ao Palácio Duque de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: site do Exército Brasileiro.

Antônio de Sampaio.

Nasceu em 24 de maio de 1810, na cidade de Tamboril, estado do Ceará. Filho de Antônio Ferreira de Sampaio e Antônia Xavier de Araújo, foi criado e educado pelos pais no ambiente simples dos sertões.

Cedo revelou interesse pela carreira militar, galgando postos por merecimento graças a inúmeras demonstrações de bravura, tenacidade e inteligência. Foi Praça em 1830; Alferes em 1839; Tenente em 1839; Capitão em 1843; Major em 1852; Tenente-Coronel em 1855; Coronel em 1861 e Brigadeiro em 1865.

Sampaio teve atuação destacada na maioria das campanhas de manutenção da integridade territorial brasileira e das que revidaram as agressões externas na fase do Império: Icó (CE), 1832; Cabanagem (PA), 1836; Balaiada (MA), 1838; Guerra dos Farrapos (RS), 1844-45; Praieira (PE), 1849-50; Combate

à Oribe (Uruguai), 1851; Combate à Monte Caseros (Argentina), 1852; Tomada do Paissandu (Uruguai), 1864; e Guerra da Tríplice Aliança (Paraguai), 1866. Foi condecorado por seis vezes, no período de 1852 a 1865, por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil.

Recebeu três ferimentos na data do seu aniversário, 24 de maio, na Batalha de Tuiuti, em 1866. O primeiro, por granada, gangrenou-lhe a coxa direita; os outros dois foram nas costas. Faleceu a bordo do vapor hospital Eponina, em 06 de julho de 1866, quando do seu transporte para Buenos Aires.

Homem puro e patriota, Sampaio destacava-se por ser capacitado e corajoso, inteiramente dedicado à vida militar. Exemplo de exponencial bravura, foi consagrado Patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro, pelo Decreto 51.429, de 13 de março de 1962.

Itambé, onde faleceu aos 75 anos. Vidal não se casou, tendo dedicado em seus últimos anos a obras filantrópicas. Deixou seus bens a familiares, agregados e religioso

André Vidal de Negreiros.

Filho dos portugueses Francisco Vidal e Catarina Ferreira, porém nasceu no Brasil, no engenho São João, então capitania da Paraíba, em 1606. Ficou marcado na história brasileira como um dos líderes da luta pela restauração das capitanias do Brasil que ficaram sob o domínio holandês, entre os anos de 1624 e 1654. Neste período, a Holanda ocupou a Bahia (Salvador, 1624-1625), Pernambuco (Olinda e Recife, 1630-1654) e o Maranhão (1641-1644).

Vidal combateu as forças holandesas na Bahia (1624), na Paraíba (1636) e em todas as fases da campanha em Pernambuco. Teve posição de destaque nas batalhas dos Guararapes (1648-1649) e foi um dos organizadores da tomada de Recife (1654). Em 1655, pelo reconhecimento de seus serviços, foi nomeado pela Corte portuguesa como governador e capitão-geral da Capitania do Maranhão, tendo permanecido no cargo até o ano seguinte. Foi, então, nomeado governador da Capitania de Pernambuco (1657-1661), de Angola (1661- 1666) e, novamente, de Pernambuco (1667). Ficou à frente deste último cargo por poucos meses, retirando-se para a administração de sua propriedade, o engenho